

## A BUSCA HUMANA DA DIVERSÃO SOB A ÓTICA BÍBLICA DE CRIAÇÃO-QUEDA-REDENÇÃO

*Emilio Garofalo Neto\**

### RESUMO

Este artigo almeja explorar um entendimento bíblico acerca da busca universal da humanidade por diversão. O autor investiga como um arcabouço bíblico nas categorias de Criação, Queda e Redenção ajuda a compreender tal fenômeno. Ele demonstra como o homem foi criado para existir como um ser criativo na presença de Deus. Como tal, tudo o que ele cria reflete a criação original em sua organização e elementos diversos. O ser humano se deleita na diversão, pois se trata de uma subcriação na qual ele experimenta elementos para os quais foi criado, como descanso, prazer, alegria e beleza. Depois se analisa como a queda influencia a busca humana de diversão, fazendo com que o homem busque ídolos e satisfação de seus desejos pecaminosos por meio de coisas criadas. Por fim, investiga-se como o *desiderium aeternitatis* e a compreensão da necessidade de redenção levam os seres humanos a buscar na diversão consolo e fuga deste mundo, experimentando um pouco da paz e vida para as quais foram criados.

### PALAVRAS-CHAVE

Diversão; Criação; *Desiderium aeternitatis*; Queda; Redenção; Eternidade; Idolatria; Esporte.

---

\* O autor é ministro presbiteriano e pastor da Congregação Presbiteriana Semear em Brasília-DF. É formado em Comunicação Social–Jornalismo pela Universidade de Brasília. Concluiu o Mestrado em Divindade no Seminário Teológico Presbiteriano de Greenville, Carolina do Sul, e obteve o grau de Ph.D. em Estudos Interculturais no Seminário Teológico Reformado, em Jackson, Mississippi.

## INTRODUÇÃO

A humanidade dedica grandes esforços na busca de diversão.<sup>1</sup> O lazer é um enorme componente cultural, social e financeiro da sociedade humana; um elemento presente no mundo todo e através dos séculos. Todos os seres humanos experimentam a diversão; ninguém é estranho ao conceito, e todos já dedicaram tempo e outros recursos a este tipo de atividade. O lazer pode aparecer de infinitas maneiras, desde grandes eventos midiáticos como a Copa do Mundo até uma partida de xadrez ou um videogame numa tarde chuvosa. A brincadeira tem a capacidade de aparecer nas situações mais sérias: piadas num funeral, risadas na reunião da diretoria, e-mails engraçados durante o trabalho. Ao examinar as formas de jogar e brincar de uma cultura podemos aprender muito sobre ela; ao examinar a ubiquidade da diversão podemos aprender algo sobre a humanidade como um todo.

Mas como aprender sobre o homem, seus anseios e tragédias através do lazer? Haveria base bíblico-teológica para investigar as razões do fenômeno ou estamos condenados a simplesmente fazer considerações práticas sobre o que convém ou não e quando?<sup>2</sup> Em diversas áreas no meio acadêmico tem se buscado entender esse fascínio humano e sua importância. Em certos ramos do saber já existe há muitos anos um crescente número de obras dedicadas a análises mais sistemáticas do esporte e do lazer. São estudos que buscam entender as razões do amor ao lazer, suas funções sociais, psicológicas, biológicas e muito mais.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Para os propósitos deste trabalho trataremos os termos *lazer*, *diversão* e *entretenimento* como essencialmente equivalentes. Certamente cada um apresenta nuances diferentes, mas para este artigo introdutório elas não são essenciais.

<sup>2</sup> A questão da ética da diversão é importante e merece consideração em outra oportunidade. Análises neste sentido têm de levar em consideração ao menos os seguintes fatores: os mandamentos bíblicos e o que pode ser logicamente deduzido destes; o princípio bíblico de não fazer o irmão tropeçar; o princípio de não violar a consciência e informá-la biblicamente, o princípio da liberdade cristã e o princípio do testemunho aos de fora da igreja.

<sup>3</sup> A maioria desses estudos envolve uma ótica sociológica ou antropológica, incluindo todos os seus pressupostos e objetivos. A obra seminal é HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: A study of the play-element in culture*. Boston, MA: Beacon Press, 1955. Outros autores importantes são: CAILLOIS, Roger. *Man, play and games*. Chicago, IL: University of Illinois Press, 2001; SUTTON-SMITH, Brian. *The ambiguity of play*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997. Há ainda obras da psicologia e neurologia que buscam compreender o lazer e seu lugar na vida humana. São exemplos: CSÍKSZENTMIHÁLYI, Mihály. *Flow: The psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial, 1990; PANKSEPP, Jaak. *Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. Oxford University Press, 1998. Há interessantes trabalhos recentes que visam analisar a simbiose entre futebol e cultura brasileira. Alguns dos principais são: GALEANO, Eduardo H. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L & PM, 1997; WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; BELLOS, Alex. *Futebol: The Brazilian way of life*. New York: Bloomsbury, 2002; HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. Além disto, há obras interessantíssimas acerca do papel do esporte em conflitos

Trata-se, entretanto, de uma área em que há pouquíssima reflexão teológica mais aprofundada, menos ainda desde um arcabouço confessional reformado.<sup>4</sup> Talvez isso ocorra por uma pressuposição de que não se trate de um objeto investigativo sério ou relevante; mas esta é uma das áreas nas quais mais se gasta tempo e dinheiro no mundo contemporâneo. Se crermos com Abraham Kuyper que “não há nenhum centímetro quadrado, em todo o domínio da existência humana, sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não declare ‘é meu!’”,<sup>5</sup> então devemos aplicar os poderes da teologia reformada para compreender esta parte importante do mundo. Este artigo é uma tentativa de contribuir para a discussão partindo de pressupostos reformados. O objetivo é examinar teologicamente o assunto do amor humano pela diversão dentro das categorias bíblicas de Criação-Queda-Redenção.<sup>6</sup>

Pesquisar esse assunto tem importância eclesiológica, pois a relação entre igreja e diversão tem sido historicamente complicada e ainda hoje é uma fonte de confusão.<sup>7</sup> O tópico tem importância missiológica, pois ajuda a igreja na ta-

---

étnicos, regimes ditatoriais, etc. Ver: FOER, Franklin. *How soccer explains the world: An unlikely theory of globalization*. New York: Harper Perennial, 2005; KUPER, Simon. *Soccer against the enemy: How the world's most popular sport starts and fuels revolutions and keeps dictators*. New York: Nation Books, 2006.

<sup>4</sup> Os principais são os esforços de Shirl Hoffman. Seu último livro é especialmente útil: HOFFMAN, Shirl. *Good game: Christianity and the culture of sports*. Waco, TX: Baylor University Press, 2010. Outras obras, de arraiais teológicos diversos são: HOLMES, Arthur F. *Towards a Christian play ethic*. *Christian Scholar's Review* 11, no. 1 (1998), p. 41-48; JOHNSTON, Robert K. *The Christian at play*. Eugene, OR: Wipf & Stock, 1998; NAUGLE, David K. *A biblical philosophy of sport and play*. Department of Philosophy, Dallas Baptist University, 1995. Disponível em: [http://www.dbu.edu/naugle/pdf/sport\\_play.pdf](http://www.dbu.edu/naugle/pdf/sport_play.pdf); RYKEN, Leland. *Redeeming the time: A Christian approach to work and leisure*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995; DEARDOFF, Donald; WHITE, John (Orgs.). *The image of God in the human body: Essays on Christianity and sports*. Lewiston, NY: The Edwin Mellon Press, 2008; GAROFALO NETO, Emilio. *The Soccer World Cup 2010 as sub-creation: An analysis of human play through a theological grid of Creation-Fall-Redemption*. Ph.D. Dissertation, Reformed Theological Seminary, 2011; HEINTZMAN, Paul; VAN ANDEL, Glen E.; VISKER, Thomas L. (Orgs.). *Christianity and leisure: Issues in a pluralistic society*. Rev. ed. Sioux Center, IA: Dordt College Press, 2006. Para um breve texto tratando de temas semelhantes a este artigo, ver meu GAROFALO NETO, Emilio. *A vida até parece uma festa*. Revista *iPródigo*, No 1 (2011), p. 30-37.

<sup>5</sup> KUYPER, Abraham; BRATT, James D. *Abraham Kuyper: A centennial reader*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 461.

<sup>6</sup> Aqui incluímos a Consumação dentro de Redenção. Vale, entretanto, notar que, segundo Geerhardus Vos, “o aspecto escatológico é mais antigo na revelação do que o soteriológico”. VOS, Geerhardus. *Biblical theology: Old and New Testaments*. Carlisle, PA: The Banner of Truth, 1948, p. 141, minha tradução. Antes de Deus revelar a Adão e Eva que haveria salvação de seus erros (Gn 3.15), ele lhes havia revelado algo sobre realidades escatológicas de bênção e descanso – ambas explícitas e exemplificadas no Sábado e implícitas como recompensa aos que guardassem o pacto de obras.

<sup>7</sup> Apesar de o apóstolo Paulo usar imagens esportivas com frequência em suas cartas, a igreja primitiva tinha receio em se relacionar com o mundo esportivo. No Império Romano os jogos eram geralmente interligados aos festivais pagãos e à idolatria, dificultando muito a participação e apoio dos cristãos. Para maiores informações, ver: MATHISEN, James. *A brief history of Christianity and sport: Selected highlights of a puzzling relationship*. In: DEARDOFF e WHITE, *The image of God in the human body*.

refa de fazer discípulos, compreendendo os ídolos, os problemas e as distorções causadas pelo pecado. Ao entender melhor os desígnios criacionais do homem, poderemos melhor ensinar a guardar tudo o que Cristo ordenou e encontrar pontes de contato para a proclamação do evangelho. O tópico tem ainda importância doxológica, pois glorificamos a Deus ao compreender seus planos para todas as áreas da vida e servi-lo em tudo o que fizermos, inclusive em nossa diversão.

## 1. A CRIAÇÃO E O DESEJO DE DIVERSÃO

Seria o desejo de lazer e diversão uma característica criada na humanidade ou algo que surgiu apenas após a queda? Embora a Bíblia não apresente descrições de Adão e Eva se divertindo no jardim, há vários elementos<sup>8</sup> que se complementam em criar uma teia que nos permite afirmar que a busca de lazer e diversão tem sua origem, sim, em legítimos desejos criacionais.<sup>9</sup> O lazer busca reproduzir diversas coisas que são criadas por Deus para o homem. Para entender a questão é necessário primeiro entender o ser humano como um subcriador.

### 1.1 *Diversão como forma de subcriação*

Investigar o homem como subcriador é essencial para entender sua relação criacional com a busca de diversão. A *imago Dei*, embora arruinada na queda de Adão e Eva, não foi aniquilada.<sup>10</sup> O ser humano ainda é capaz de criar obras que refletem a verdade acerca da realidade, mesmo que o faça em rebelião contra Deus. A obra do Espírito Santo em restringir o mal dispensa graça comum sobre crentes e descrentes. O homem analogamente reflete a Deus e é capaz de imitá-lo em ser um criador. Na realidade, a pessoa humana é incapaz de não refletir a Deus em seu conhecimento e suas ações. Ela é sempre teorreferente,<sup>11</sup> embora a posição ética básica de seu coração possa ser contra

<sup>8</sup> Rapidamente, vale notar as profecias de Isaías 11 e Zacarias 8 que apontam para ocasiões em que a restauração da criação envolve brincadeiras e diversão. Notar ainda o uso que Paulo faz de figuras esportivas, um tema amplo demais para este trabalho. Frequentemente o apóstolo utilizava figuras do mundo esportivo para ilustrar aspectos da vida cristã. James Mathisen (*A brief history*, p. 8) nota que a longa passagem de Paulo por Corinto deve ter coincido com os Jogos Ístmicos, que ocorriam a cada quatro anos. Paulo não está necessariamente recomendando os esportes, mas no mínimo parece pressupor que se trata de uma esfera com a qual se pode aprender e talvez mesmo admirar em certos aspectos. Os principais exemplos estão em Fp 3.12-14; 1 Co 9.24-27; 1 Co 10.7; Gl 2.2; Gl 5.7; 1 Tm 4.7,8; 1 Tm 6.12; 2 Tm 2.5.

<sup>9</sup> Heber Campos alerta contra a visão de alguns acerca do Jardim do Éden como uma espécie de resort onde não se faz nada além de relaxar; mas também mostra que na beleza, fartura e delícia da criação “é como se Deus houvesse dito aos nossos primeiros pais: ‘Desfrutem da beleza e da gostosura da minha criação!’”. CAMPOS, Heber Carlos de. *O habitat humano: O paraíso criado*. Estudos em Antropologia Bíblia. São Paulo: Editora Hagnos, 2011, p. 100.

<sup>10</sup> SMITH, Morton H. *Systematic Theology*. Greenville, SC: GPTS Press, 1994, v. 1, p. 240.

<sup>11</sup> Como afirma Davi Charles Gomes: “Mesmo o homem supostamente autônomo é de fato teo-

ou a favor de Deus.<sup>12</sup> Mesmo os descrentes foram criados para espelhar a Deus como sua imagem e não são capazes de deixar de agir e de usar conhecimento revelado acerca do mundo: “Feito à imagem de Deus, nenhum homem pode escapar de tornar-se o meio interpretativo da revelação geral de Deus tanto em sua consciência intelectual (Rm 1.20) como moral (Rm 2.14,15)”.<sup>13</sup>

Entendemos que o homem é receptivamente criativo.<sup>14</sup> A criatividade humana se espelha na criatividade original de Deus embutida em sua imagem. O homem é criativo, pois Deus é criativo e transmitiu esta habilidade ao homem. O homem só é capaz de criar dentro das fronteiras do que Deus fez e estabeleceu dentro do campo de possibilidades.<sup>15</sup> Esse desejo de criar geralmente é

---

referente, ainda que negativamente”. GOMES, Davi Charles. A metapsicologia vantiliana: uma incursão preliminar. *Fides Reformata* XI, Nº 1 (2006): 113-139, p.117. Para considerações adicionais sobre o termo, especialmente no que se relaciona com cosmovisão, ver: OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões críticas sobre *Weltanschauung*: Uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente. *Fides Reformata* XIII, Nº 1 (2008): 31-52.

<sup>12</sup> Como afirma Fabiano Oliveira: “Em termos teológicos, pode-se dizer que, nascido num contexto marcado pela queda, o coração humano permanece escravo da orientação fundamental da apostasia e, por isso, inescapavelmente tendente a servir como fonte de rebelião para todos os pensamentos e atos do homem não regenerado. Somente através da regeneração do homem, operada pelo Espírito Santo, é que este círculo hermenêutico vicioso pode ser quebrado, iniciando outro círculo hermenêutico, desta feita virtuoso, de amor e obediência a Deus que, por sua vez, determinará uma direção em compasso com a vontade divina revelada”. OLIVEIRA, Reflexões críticas sobre *Weltanschauung*, nota de rodapé 51, p. 49.

<sup>13</sup> VAN TIL, Cornelius. *Common grace*. Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed Publishing, 1947, p. 53. Minha tradução. Como explica Scott Oliphint, Deus é o arquétipo de quem somos o éctipo em tudo o que somos e fazemos: “Nós somos, completa e exaustivamente, imagem de Deus... somos icônicos. Tudo o que somos, pensamos, fazemos, nos tornamos e assim por diante é derivado, vindo de ou desde algo; nós dependemos de e espelhamos o real, o Original, o *Eimi*. Na terminologia clássica, somos éctipo. Os tipos ou formas de pessoas que somos, de conhecimento que temos, de pensamentos que pensamos e de coisas que fazemos são sempre e em qualquer parte cópias, padrões, impressões e imagens, tomando suas pistas metafísicas e epistemológicas do único que verdadeiramente é. Ou seja, do próprio Deus”. OLIPHINT, K. Scott. *God with us: Divine condescension and the attributes of God*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2012, p. 90. Minha tradução. Sobre a distinção entre arquétipo e éctipo em sua função histórica, ver o artigo: VAN ASSELT, Willem J. The fundamental meaning of theology: Archetypal and ectypal theology in seventeenth-century Reformed thought. *Westminster Theological Journal* 64, Nº 2 (2002), p. 319-336.

<sup>14</sup> Devo as expressões “receptivamente criativo” e “ativamente redentivo” a Wadislau Martins Gomes e Davi Charles Gomes.

<sup>15</sup> As criaturas operam com recursos limitados (embora vastos) e com capacidade mental limitada (e caída) estruturada dentro do universo criado nas coisas que são e que poderiam ser. O homem é incapaz, por exemplo, de imaginar uma cor que Deus não imaginou antes, ou de criar um mundo literário fantástico que surpreenda a Deus com suas idéias. Hans Rookmaaker, artista e crítico de arte, escreveu que “linguagem e expressão, pensar, administrar justiça, adquirir conhecimento, fazer ou reconhecer algo belo – tudo isto só é possível dentro de leis estruturais. Não podemos viver ou trabalhar fora delas”. ROOKMAKER, Hans. *The creative gift: Essays on art and the Christian life*. Westchester, IL: Cornerstone Books, 1981, p. 58. Minha tradução.

associado às artes,<sup>16</sup> mas também é visto no lazer e na ciência.<sup>17</sup> Quando pessoas criam jogos e brincadeiras, estão exercitando esse aspecto da imagem de Deus, fazendo realidades subcriadas. Estes eventos subcriados funcionam como uma pausa na vida normal, uma suspensão temporária da maneira como as coisas funcionam normalmente.<sup>18</sup> Esses parênteses podem ser curtos, como uma piada durante uma reunião, ou longos, como num torneio como a Copa do Mundo. Quando as pessoas estão engajadas na diversão – jogando pôquer num cassino, assistindo um filme interessante ou praticando surfe – aquele período aparenta ser a realidade última e a vida para por um tempo. Isto fica especialmente evidente nas brincadeiras de crianças, nas quais a imaginação corre solta e o mundo adquire elementos fantásticos: o quarto pode virar espaçonave, o jogo de futebol na rua vira recriação da final do campeonato. Peter Berger sugere que brincar é uma forma de intrusão, um interlúdio na vida normal, um sinal de transcendência.<sup>19</sup>

Quando o ser humano se engaja em atividades criativas, ele está exercendo parte de seus dons naturais: “Deus o criador, que ama a beleza em seu mundo criado, convidou Adão, uma de suas criaturas, para compartilhar o processo de criação”.<sup>20</sup> Philip Ryken comenta que a arte, como subcriação, tem o poder de “satisfazer nossos anseios profundos de beleza e comunicar profundas verda-

<sup>16</sup> O escritor e crítico literário J. R. R. Tolkien explicou que, no processo de sua criação literária, ele agia como um subcriador, e que boas obras podem produzir um senso de arrebatamento em quem desfruta da história: “É claro que as crianças são capazes de ter *crença literária* quando a arte do criador de histórias é boa a ponto de produzi-la. Esse estado mental tem sido chamado de ‘suspensão voluntária da incredulidade’. Mas isso não me parece ser uma boa descrição do que acontece. O que acontece de fato é que o criador da narrativa demonstra ser um ‘subcriador’ bem-sucedido. Ele concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é ‘verdade’: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro”. TOLKIEN, J. R. R. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 43-44.

<sup>17</sup> O cientista também tem esse impulso criativo. David Bohm argumenta que o cientista é movido por mais que o mero desejo de descobrir; sua imaginação e seus afetos são fundamentais na tarefa. Sua criatividade se mostra em propor modelos e teorias, os quais não são necessariamente resultantes dos dados averiguados, mas construtos impostos pelas pressuposições e expectativas do pesquisador. BOHM, David. *On creativity*. London: Routledge Classics, 2006, p. 2. Para mais reflexões sobre esse tema, ver: POLANYI, Michael. *The tacit dimension*. Garden City, NY: Doubleday, 1966; KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. 3<sup>rd</sup> ed. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1996.

<sup>18</sup> Por exemplo, no futebol, durante noventa minutos o objetivo da vida passa a ser chutar uma esfera dentro de uma meta, seguindo regras preestabelecidas acerca de como se pode ou não fazê-lo. Durante um filme, as regras de uma subcriação cinematográfica podem envolver a existência de extraterrestres, orcs ou grilos falantes; não é necessário ao cristão rejeitar tais obras pelo fato de essas coisas não existirem.

<sup>19</sup> BERGER, Peter. *Redeeming laughter: The comic dimension of human experience*. New York: Walter de Gruyter, 1997, p. 13; BERGER, Peter. *A rumor of angels: Modern society and the rediscovery of the supernatural*. Garden City, NY: Doubleday, 1969, p. 59.

<sup>20</sup> SOLOMON, Jerry. *Arts, entertainment, & Christian values*. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2000, p. 102. Minha tradução.

des espirituais, intelectuais e emocionais acerca do mundo que Deus fez para sua glória”.<sup>21</sup> Em grandes eventos como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo podemos esperar encontrar diversos pontos de contato entre nossas criações e a criação divina. Porém, mesmo em coisas menores como um filme, uma peça de teatro ou uma história infantil sempre encontraremos elementos que remetem à forma e estrutura pela qual Deus criou o mundo, seja afirmando e repetindo o que Deus fez, negando e distorcendo tudo isso ou até mesmo elaborando sobre o original.

### 1.1.1 Capital emprestado nas subcriações

Vimos que, quando o ser humano faz suas subcriações, ele necessariamente irá refletir coisas para as quais foi criado. Mas como pode ser isto se o homem é caído e rebelde contra Deus? Por ser imagem de Deus, o homem tem conhecimento tácito acerca de Deus e resquícios acerca da verdade universal acerca de Deus. Claro, esse conhecimento é sempre distorcido pelo pecado e as tentativas autônomas de saber. Cornelius Van Til insiste que, pelo fato de todo conhecimento ter uma fonte comum (o Deus trino em sua revelação), segue sendo sempre derivado e analógico ao conhecimento original de Deus.<sup>22</sup> Aqui é importante utilizar o conceito de “capital emprestado”.<sup>23</sup> O descrente não é consistente com sua rebelião. Feito para funcionar de acordo com o desígnio de Deus, o descrente não consegue se comprometer plenamente e viver de acordo com sua cosmovisão pretensamente autônoma. O homem rebelde continua funcionando num mundo dado por Deus, com um aparato mental dado por Deus. Se não fosse assim não haveria ponte possível para evangelismo, apologética ou qualquer comunicação.<sup>24</sup> Ao trabalhar com capital emprestado, o descrente cria e age usando o que Deus lhe deu, mesmo negando que haja um

<sup>21</sup> RYKEN, Philip. *Art for God's sake: A call to recover the arts*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2006, p. 8. Minha tradução.

<sup>22</sup> BERKHOF, Louis; VAN TIL, Cornelius. *Foundations of Christian education: Addresses to Christian teachers*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1990, p. 47.

<sup>23</sup> John Frame se refere a esse capital emprestado como a “parte da revelação de Deus que eles [os descrentes] não reprimiram”. FRAME, John. *Apologetics to the glory of God*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1994, p. 72. Minha tradução. Frame ainda explica que o homem é “capaz de evitar o total niilismo apenas pela inconsistência em reconhecer alguns elementos da revelação de Deus”. FRAME, John. *Cornelius Van Til: An analysis of his thought*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1995, p. 42. Minha tradução.

<sup>24</sup> “Se o descrente levasse ao extremo suas convicções metafísicas, epistemológicas e éticas, a antítese entre ele e o crente iria impedir que os dois se comunicassem, pois as perspectivas fundamentais seriam completamente diferentes; a orientação de um seria sempre desorientada para o outro. Mas o descrente na realidade não vive e raciocina consistentemente com suas teorias professas. Ele pensa (psicologicamente) de uma maneira particular que não comporta (epistemologicamente) sua argumentação”. BAHNSEN, Greg. *Van Til's apologetic: Readings and analysis*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1998, p. 436. Minha tradução.

Deus e se recusando a lhe dar glória. O clamor de autonomia é falso; o homem necessariamente reflete a Deus em suas subcriações; ele sempre é teorreferente, mesmo que o seja de maneira negativa. O homem rebelado contra Deus continua operando no mundo de Deus, dentro da estrutura universal criada por Deus.<sup>25</sup>

O conhecimento do homem é qualitativa e quantitativamente inferior ao de Deus, mas ele pode seguir a Deus em imitação análoga.<sup>26</sup> Assim qualquer forma de criação, filosófica, teológica ou artística, irá necessariamente refletir aspectos da natureza do mundo e a presença de Deus.<sup>27</sup> É por isto que um descrente pode achar verdade mesmo tateando no escuro. Van Til explica:

Nenhum cristão pode deixar de encarar o fato de que muitos cientistas não-cristãos descobriram muita verdade acerca da natureza... isto é verdade apesar de sua visão de vida imanentista e por causa do fato de não poderem evitar trabalhar com o capital emprestado do cristianismo.<sup>28</sup>

O homem natural nega a criação e a providência de Deus, mas toma emprestados elementos destas para funcionar no mundo.<sup>29</sup> Van Til estava mais focado em sistemas filosóficos, teológicos e científicos, mas essas idéias podem ser aplicadas a outros ramos do conhecimento, como o meio artístico e mesmo as subcriações que visam o lazer. A diversão atrai os seres humanos em todo o planeta, pois trabalha com elementos universais acerca do homem e de como o mundo opera. Ao subcriar, o homem utiliza elementos da criação original, pensando os pensamentos de Deus após ele mesmo, ainda que de maneira imperfeita e rebelde.

## **1.2 Diversão e reflexos da criação**

Há diversos elementos que já aparecem na criação original de Deus e que são imitados ou refletidos no lazer. Destacaremos brevemente alguns deles, mas certamente há muito mais a explorar.

---

<sup>25</sup> Fabiano Oliveira explica que “o homem recebeu de Deus a vocação de positivar a cultura e ainda que no processo a queda tenha afetado a raiz central deste direcionamento, ela, contudo, não pôde afetar a ordem estrutural responsável pelo desenvolvimento social”. OLIVEIRA, Reflexões críticas sobre *Weltanschauung*, nota de rodapé 41, p. 45.

<sup>26</sup> BAHNSEN, *Van Til's apologetic*, p. 228.

<sup>27</sup> Assim como o missionário que encontra uma tribo e se depara com enorme mistura de verdade e erro, podemos esperar encontrar nas subcriações de diversão humana semelhante medida de mistura, na qual a verdade divina se entrelaça com vãs imaginações humanas.

<sup>28</sup> VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: Prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2nd ed. Ed. William Edgar. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2007, p. 153. Minha tradução.

<sup>29</sup> VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. 4th ed. Ed. K Scott Oliphint. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2008, p. 343.

### 1.2.1 Descanso

Esse é um princípio da criação exemplificado principalmente no sábado. Este era um tempo de cessação do trabalho, um parêntese na semana durante o qual as pessoas refrescavam corpo e coração. Nele, “como no brincar, sua não-instrumentalidade se mostrava produtiva”.<sup>30</sup> Ao contrário do modelo grego, no qual apenas as elites tinham direito ao descanso, o modelo hebraico permitia, e de fato exigia, que todos, judeu ou estrangeiro, livre ou escravo, e mesmo os animais, tivessem ao menos um dia de descanso na semana.<sup>31</sup> De maneira semelhante, na diversão o homem é capaz de deixar um pouco seu trabalho e aproveitar o mundo: “Assim como o descanso de Deus, o lazer nos liberta da necessidade da produtividade e nos permite aproveitar o que já foi feito”.<sup>32</sup> Pela graça comum, Deus permite que todos tenham descanso e mesmo alegria nesta vida (At 14.17).

### 1.2.2 Aproveitando a criação

Deus não fez uma criação meramente útil, limitada a cumprir sua função da maneira mais econômica possível. A criação de Deus não é constrangida pelas fronteiras da necessidade; Deus não foi forçado a criar o mundo. Sua criação é cheia de possibilidades e enormemente diversa, plena de coisas saborosas e agradáveis. Ele fez muitas árvores frutíferas, com gostos e texturas diferentes e agradáveis ao paladar, ao tato e à visão humana. Ele fez diversidade de cores, animais, sons, que visam dar ao ser humano um aproveitamento prazeroso da criação. A única restrição que Deus colocou a Adão e Eva em seu Pacto de Obras foi a de não comer do fruto de uma árvore (Gn 2.17). Eles tinham liberdade para comer de todos os outros frutos a seu bel-prazer; podiam interagir com animais grandes e pequenos, numa relação ainda não tingida pelo medo; podiam nadar nos rios, aproveitar o clima e se engajar plenamente na prazerosa tarefa de povoar a Terra. Há muito na criação que é supérfluo se considerado apenas em termos de sobrevivência, mas esses aspectos extras são tanto fonte de deleite como causa para adoração ao Criador. O desígnio de Deus é para uma vida repleta da maravilhosa e bela criação. João Calvino lida com esta questão:

<sup>30</sup> JOHNSTON, *The Christian at play*, p. 79. Minha tradução.

<sup>31</sup> A rejeição puritana da ociosidade não deve ser confundida com uma rejeição do lazer. O tempo ocioso era visto como ruim; o lazer com propósito era bem visto e até mesmo o trabalho deveria ser feito como moderação. Há suficiente evidência de que os puritanos se engajavam em atividades de lazer como montar a cavalo, caçar, pescar e outras. Para mais informações sobre esse tópico, ver: RYKEN, Leland. *Worldly saints: The Puritans as they really were*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986, p. 33.

<sup>32</sup> RYKEN, Leland. *Work and leisure in Christian perspective*. Portland, OR: Multnomah Press, 1987, p. 183.

Ora, se ponderarmos a que fim Deus criou os alimentos, verificaremos que ele quis levar em conta não só a necessidade, mas também o deleite e alegria; assim, na indumentária, além da necessidade, foi seu propósito fomentar o decoro e a dignidade; nas ervas, árvores e frutas, além dos variados usos, proporciona a beleza da aparência e suavidade do perfume.<sup>33</sup>

O homem faz suas subcriações almejando em grande parte o deleite, o aproveitar da beleza, da delícia e do mundo. Em seus jogos, filmes e risadas o homem se alegra num mundo prazeroso e diverso.

### 1.2.3 Regras e leis

Somos criaturas que habitam num mundo com leis físicas e leis morais. Somos todos descendentes de Adão e por meio dele representados no Pacto de Obras. Essa estrutura pactual se reflete em nossas subcriações: todos os tipos de jogos e brincadeiras existem dentro de um conjunto de regras implícitas ou explícitas; os participantes devem segui-las ou estarão deixando de brincar.<sup>34</sup>

Por isso, quebrar as regras do jogo estraga a brincadeira. Ninguém aceita que se roube no jogo de cartas, de futebol ou de dominó; mesmo não sendo o mundo “de verdade”, trata-se de um mundo sério. Esperamos que os filmes sejam internamente consistentes, queremos testes antidoping e que árbitros suspeitos sejam investigados. Refletimos nosso Criador em não querer que as regras de nossas criações sejam violadas; o homem não quer que sua subcriação seja estragada por autorregulações autônomas. Ironicamente é precisamente isto que o homem faz ao pecar contra Deus.

### 1.2.4 Representantes e identificação

Outro elemento criacional é o princípio de representação. No mundo do entretenimento há enorme identificação entre público e herói. A identificação que o povo sente com seus heróis é alimentada pela mídia e toma formas impressionantes no nosso tempo. Michael Novak sugere que há algo sacerdotal nessa identificação.<sup>35</sup> De fato o homem foi criado para se identificar com e imitar modelos. Isto está embutido na maneira pela qual Deus criou a família com um representante federal (1Co 11.3; Ef 5.22-25), na própria estrutura dos arranjos pactuais, em que um representante jura o pacto e assume obrigações

---

<sup>33</sup> CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, III.x.2, p. 192.

<sup>34</sup> O apóstolo Paulo escreve que o atleta não é coroado se não lutar conforme as regras (2Tm 2.5); numa analogia do menor para o maior, ele mostra que o que é verdade na subcriação esportiva é verdade na criação de Deus.

<sup>35</sup> NOVAK, Michael. *The joy of sports*. New York: Basic Books, 1976, p. 41.

em lugar dos outros, e ainda no governo da igreja, em que presbíteros representam o povo de Deus (Ex 18.13-27; 1Tm 3; At 15). O máximo exemplo de representação é o Senhor Jesus Cristo, representante de seu povo no Pacto de Graça (Rm 5.12-21), cumprindo as estipulações da lei e se oferecendo em seu lugar para propiciar a ira divina. O homem foi criado para funcionar com representantes em suas estruturas relacionais, com Deus, em sociedade e na família.

Essa identificação com um representante se mostra em como os espectadores sentem-se representados pelos atletas. Quando a seleção brasileira de futebol entra em campo, os brasileiros são representados ali para o bem ou o mal. Quando um brasileiro fala que é pentacampeão mundial, ele não está dizendo que entrou em campo, mas num sentido real ele foi representado pelo atleta que foi chamado para lutar e vencer ou perder em seu lugar. Na relação com os heróis (esportivos, literários, etc.), mostra-se o desejo de identificação com aqueles que são capazes de fazer o que os simples seres humanos não são capazes; aqueles que, além de ter o talento natural necessário, são perseverantes para se submeter ao treinamento e às privações exigidas. Os fãs aproveitam vicariamente um pouco da glória e sucesso de seus heróis, com um pouco do sofrimento, mas não o todo. Eles sentem um pouco da alegria da vitória tendo de lidar apenas com uma fração da dor e dos desafios.<sup>36</sup>

O homem ama o lazer e a diversão, pois neles experimenta um pouco do descanso, da alegria, da união e da diversidade que Deus criou. Ainda, o homem ama brincar e jogar, pois nestas atividades exerce seu papel de subcriador. Em suas subcriações ele reflete analogamente o que Deus criou, embora muitas vezes o faça de maneira perversa e distorcida.

## 2. A QUEDA E A BUSCA DE DIVERSÃO

O pecado afeta todas as áreas da vida. Não há pessoa ou projeto humano que não seja de alguma maneira manchado pelo pecado. A disposição contra Deus do coração rebelde e pretensamente autônomo faz com que o homem utilize as coisas boas da criação de Deus para seus fins perversos, além de subcriar com motivos escusos. Mesmo retendo a imagem de Deus, cada pessoa, por natureza, fará arte, política, trabalho e diversão em última instância para satisfazer os desejos de seu coração e não para glorificar a Deus.<sup>37</sup> Mesmo

<sup>36</sup> CAILLOIS, *Man, play and games*, p. 122. A propósito, alguns argumentam que esta é parte da atração de videogames como *Guitar Hero*: a pessoa é capaz de aproveitar parte das boas coisas ligadas a tocar um instrumento com apenas uma fração do trabalho e disciplina envolvidos em tocar de verdade. Ver RADOSH, Daniel. While my guitar gently beeps. *The New York Times Magazine*, 11 de agosto de 2009.

<sup>37</sup> ROOKMAAKER, *The creative gift*, p. 27.

cristãos, tendo um novo coração, são incapazes de evitar que sua pecaminosidade apareça em suas subcriações. Essas distorções do pecado aparecem frequentemente na busca humana de lazer e diversão. Esse campo serve como terreno fértil para o plantio de desejos corruptos, para colher satisfação imediata ilícita e mesmo para corromper coisas boas da criação com o veneno do pecado. Tratemos de algumas destas maneiras.

### **2.1 Distorção idólatra**

A revelação natural, tanto de maneira interna quanto externa ao homem, deixa claro que o verdadeiro Deus existe e todos os homens lhe devem culto. Todo homem sabe que Deus existe, mas busca suprimir este conhecimento em sua injustiça (Rm 1.18-23); todo homem tem em si o *sensus deitatis*, o conhecimento acerca do Deus verdadeiro que não é salvífico, mas serve para deixá-lo sem desculpa.<sup>38</sup>

Em nossa rebelião, buscamos suprir esta necessidade e reconhecimento de Deus com ídolos e religiosidade pervertida. Nossos corações são fábricas de ídolos,<sup>39</sup> e com eles somos capazes de criar pseudossubstitutos de Deus, que, feitos em nossa imagem, refletem nossos anseios distorcidos,<sup>40</sup> e adoramos a criatura em lugar do criador. Temos a necessidade de adorar, mas ao mesmo tempo queremos fugir do verdadeiro Deus:

Uma vez que temos a verdade que Deus dá a cada um de nós, em nossos pecados fazemos um deus à nossa imagem. Ao fazê-lo, criamos uma religião ao redor do falso deus que criamos... Essa é a reação inevitável, dos que permanecem em Adão, ao conhecimento de Deus implantado em nós.<sup>41</sup>

Idolatria é “quando alguém ou alguma coisa que não Jesus Cristo tem controlado a confiança do nosso coração, como objetivo, preocupação, lealdade, serviço ou prazer”.<sup>42</sup> Os ídolos buscam suprir coisas que Deus concede

---

<sup>38</sup> CALVINO, *Institutas*, I.iii.1. Também chamado de *sensus divinitatis*.

<sup>39</sup> *Ibid.*, I.xi.8.

<sup>40</sup> Essa religiosidade caída que busca relacionar-se com o sobrenatural à parte do Deus verdadeiro se mostra em larga escala nas subcriações humanas no campo do lazer. Jogos, esportes e diversão estão rodeados de superstição, de objetos de sorte, de mandingas, patuás, de coisas diversas que supostamente afetariam a sorte e o resultado. Isso se mostra de diversas maneiras, como no torcedor de futebol que assiste ao jogo com sua camiseta da sorte e nos sacrifícios que os magos fazem para assegurar a vitória.

<sup>41</sup> OLIPHINT, K. Scott. A primal and simple knowledge. In: HALL, David W. e LILLBACK, Peter A. (Orgs.). *A theological guide to Calvin's Institutes: Essays and analysis*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2008, p. 31. Minha tradução.

<sup>42</sup> POWLISON, David. *Ídolos do coração & feira das vaidades*. Brasília: Editora Refúgio, 1996, p. 2.

ao homem. “Ídolos imitam aspectos da identidade e do caráter de Deus”.<sup>43</sup> Essa idolatria envolve uma admiração indevida de pessoas e eventos, os quais tomam o lugar de Deus como centro de nossa atenção e são adaptados aos nossos desejos caídos. Christopher Wright comenta:

Os deuses que as nações adoram são personificações de tudo o que nos impressiona... procuramos magnificência e poder, e adoramos essas coisas quando inspiram temor e admiração: nos estádios dos grandes triunfos esportivos ou nas vidas de heróis esportivos adulados, em batalhões de soldados, em desfiles de equipamentos militares, nos deques de porta-aviões, nos palcos de concertos de rock ou no brilho das celebridades da TV e do cinema.<sup>44</sup>

Quando se coloca o prazer ou a alegria do lazer como o objetivo último do coração, o homem servirá seu lazer com tudo o que tem, com seu tempo, seu dinheiro e sua vida. Neste sentido, o ídolo da diversão, mesmo fornecendo ao homem um pouco de alegria, acaba submetendo-o a uma incessante busca de maneiras de se satisfazer, gerando escravidão onde se imaginava haver liberdade. Essa questão da idolatria nos ambientes de diversão requer mais tempo para ser explorada.<sup>45</sup>

## 2.2 *Distorções diversas*

Além da questão da idolatria, deve-se notar que o homem utiliza as oportunidades de diversão para dar vazão a desejos pecaminosos. Aqui serão tratadas brevemente apenas algumas destas formas.

### 2.2.1 Sexualidade

A diversão no mundo caído frequentemente está associada a formas ilícitas de sexualidade. Aquilo que Deus criou para o usufruto no casamento torna-se

<sup>43</sup> Ibid., p. 31. Richard Keyes sugere que, nesta função de falsificar o verdadeiro Deus, os ídolos geralmente aparecem em pares, um sendo o ídolo próximo que busca imitar a imanência de Deus e outro sendo distante, que busca imitar a transcendência de Deus. Aplicando a este estudo, vemos que os heróis esportivos são ídolos próximos que se aliam aos ideais esportivos heróicos que buscam suprir as realidades transcendentais de beleza, coragem e grandiosidade. Os ídolos próximos permanecem falhos. Esta relação com os ídolos é de amor e também de ódio; os mesmos fãs que torcem por certo jogador e o reverenciam têm prazer em vê-lo cair, se envolver em escândalos e engordar. Para esse excelente ensaio, ver: KEYES, Richard. *The idol factory*. In: GUINNESS, Os (Org.). *No God but God*. Chicago, IL: Moody Press 1992, p. 37.

<sup>44</sup> WRIGHT, Christopher J. H. *The mission of God: Unlocking the Bible's grand narrative*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2006, p. 167. Minha tradução.

<sup>45</sup> Para ótimas discussões acerca de idolatria, além do material de Keyes e Powlison, ver: BEALE, G. K. *We become what we worship: A biblical theology of idolatry*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2008; KELLER, Tim. *Counterfeit gods: The empty promises of money, sex, and power, and the only hope that matters*. New York: Dutton, 2009; RAMACHANDRA, Vinoth. *Gods that fail: Modern idolatry & Christian mission*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1996.

fonte de diversão em uniões ilícitas e fator atrativo para vender produtos e atividades de lazer. Isto se mostra de variadas formas. A sexualização é um objetivo de diversão em si mesma e ainda aparece em outras formas de entretenimento. É evidente, por exemplo, nos grupos de amigos que saem juntos para os bares nas noites de sexta-feira com o objetivo de achar parceiros sexuais; aparece na sexualização das líderes de torcida, de atletas e cantores; na erotização dos filmes, quadrinhos e programas de televisão, e assim por diante.

### 2.2.2 Violência e crueldade

A violência é um produto do mundo caído. A Bíblia mostra que pode haver violência justa, como no caso de guerras ordenadas por Deus e, claro, na violência da cruz em que a justiça de Deus foi satisfeita. Mas o ser humano em sua busca de diversão vai além dessa violência justa divina: ele passa a ter a violência como fonte de prazer e diversão. Nos esportes isto se mostra nas jogadas que muitas vezes visam ferir o adversário,<sup>46</sup> no desejo de torcidas organizadas de se encontrarem após o jogo para continuar sua diversão de maneira perversa quebrando cabeças, no prazer em machucar os mais fracos, sejam humanos ou animais. Os relacionamentos, com outros seres humanos e com a criação, são distorcidos, e onde deveria haver prazer e diversão há uma diversão perversa e caída. O relacionamento entre amigos é prazeroso, mas logo se torna ambiente para humilhação e degradação. A relação com os animais passa de domínio protetor para domínio cruel e destruidor; isto se mostra desde as touradas até a criança que maltrata o gato de rua.

### 2.2.3 Opressão e racismo

O esporte e outras formas de lazer têm sido utilizados como maneira de oprimir e controlar. Esse domínio pode ter motivações financeiras, raciais, políticas, religiosas, sociais, etc. Aparece desde coisas simples como uma piada racista até fenômenos complexos como os massacres de cristãos no coliseu romano. O futebol, como outros esportes,<sup>47</sup> tem sido utilizado para controlar o povo e mascarar problemas nacionais; trata-se de uma poderosa arma de propaganda e controle.<sup>48</sup> Ditadores tentaram, com diferentes graus de sucesso,

<sup>46</sup> Para excelentes e incisivas observações acerca de como os cristãos devem lidar com as dificuldades éticas do instinto assassino nos esportes, ver: HOFFMAN, *Good game*, cap. 6.

<sup>47</sup> John White mostra o interessante exemplo da Alemanha Oriental, que infligia dor e dano aos seus jovens atletas a fim de obter resultados esportivos que elevassem a nação aos olhos do mundo. White compara esta atitude com os profetas de Baal em 1 Reis 18, que estavam dispostos a se ferir para que seu falso deus respondesse. WHITE, John. *Idols in the stadium: Sport as an "idol factory"*. In: DEARDOFF, *The image of God in the human body*, p. 143.

<sup>48</sup> Curiosamente, em certas ocasiões o esporte foi proibido justamente por sua capacidade de agregar as massas ao redor de um objetivo comum. O futebol é importante o suficiente para "ser banido pelo último sultanato otomano, pelos demagogos neuróticos da revolução cultural chinesa e pela teocracia

explorar as vitórias das seleções nacionais para inspirar um patriotismo van-glório e dar estabilidade aos seus regimes.<sup>49</sup>

Há diversos exemplos interessantes: na Costa do Marfim, o presidente Robert Guei prendeu toda a seleção de futebol do país em 2000, retendo seus passaportes e mantendo-os na cadeia por alguns dias pela suposta falta de patriotismo em defender o país na Copa da África (mensagem dada a toda a nação sobre desafiar os interesses nacionais).<sup>50</sup> Nas Guerras dos Bálcãs, no início dos anos 90, o esporte teve enorme importância. Por anos era nos estádios e nas camisas esportivas que as diferentes etnias se manifestavam dentro da Iugoslávia; batalhas campais em estádios prefaciaram os conflitos nas ruas. Torcidas organizadas como as do Estrela Vermelha de Belgrado foram recrutadas por indivíduos como Zeljko “Arkan” Raznatovic e liberadas para se tornarem esquadrões de terror e limpeza étnica; puderam exercer na vida o que prometiam e clamavam nos estádios.<sup>51</sup> Os exemplos vão muito além do esporte, passando pelo cinema, a televisão e muito mais em termos de diversão utilizada para controle e maldade.

### 2.3 *Aparente inocência da transgressão feita na brincadeira*

Um problema sério da diversão é que muitas vezes o pecado cometido na esfera do lazer é tido como menos sério, sendo mais tolerado culturalmente do que fora de um ambiente de entretenimento. Nos mundos subcriados, o ser

---

revolucionária do Irã”. GOLDBLATT, David. *The ball is round: A global history of soccer*. New York: Riverhead Books, 2008, p. xiv. Minha tradução. Diversas formas de arte e produtos culturais têm sido utilizados como instrumentos para resistir à opressão: filmes, peças infantis, canções populares, etc.

<sup>49</sup> Para uma útil discussão acerca de como o nazismo, o comunismo e o fascismo utilizaram o esporte em seus regimes, ver: GUTTMANN, Allen. *Sports: The first five millennia*. Boston, MA: University of Massachusetts, 2004, p. 293-303. Para um capítulo que aborda a Copa do Mundo de 1978 e a ditadura argentina, ver: SPURLING, Jon. *Death or glory! The dark history of the World Cup*. London: VSP, 2010, cap. 4. No Brasil, a seleção de futebol de 1970 e seus jogadores foram explorados pelo governo militar como símbolos de um país pretensamente unido que triunfa na arena mundial. O próprio Campeonato Brasileiro de Futebol, criado em 1971, tinha o objetivo de levar a alegria do torneio aos cantos remotos do país. Um dito comum na época era: “Onde a ARENA vai mal, mais um clube no nacional”. Ditadores europeus apoiavam times de certas cidades que se identificavam particularmente com seus regimes: o Real Madrid ilustrava os desejos e anseios de importância européia de Franco; Hitler favorecia o Schalke 04; Salazar apoiava o Benfica; Mussolini o Roma e Ceausescu favorecia o Steua Bucareste, na Romênia. FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 169. Para um interessantíssima descrição da intrincada ligação entre futebol, etnia e religião no moderno Estado de Israel, ver: MONTAGUE, James. *When Friday comes: Football in the war zone*. London: Mainstream Publishing, 2008, p. 89-98. Os times geralmente representam rígidas estruturas sócio-políticas dentro do país, a não ser que um jogador seja tão bom que essas diferenças sejam convenientemente ignoradas.

<sup>50</sup> KUPER, *Soccer against the enemy*, p. 88.

<sup>51</sup> Para relatos chocantes e nuances diversas de como o esporte se misturou com conflitos e identidades étnicas na época, ver: FOER, *How soccer explains the world*, p. 12.

humano sente maior liberdade para exercer seus desejos pecaminosos, pois não se trata de um mundo “pra valer”. Assim, o mesmo homem que não rouba no trabalho acha divertido roubar no jogo de cartas ou no Banco Imobiliário; outro, que não trairia sua esposa, acha que é inofensivo ver pornografia na internet, pois está supostamente apenas se divertindo sem fazer mal a ninguém. O presbítero ensina a amar os inimigos na aula de Escola Dominical, mas exemplifica ódio ao ofender a torcida adversária e os árbitros. Palavrões e ofensas que ninguém usaria num ambiente de trabalho ou família são livremente incentivados nos estádios por pais orgulhosos.

Numa esfera aparentemente não-séria o homem sente-se mais livre para atender o chamado de seus desejos pecaminosos. Claro, tudo isto vem da pecaminosidade e hipocrisia humana, mas parece que justamente o aspecto não-final da subcriação faz com que o homem seja menos cuidadoso com seus filtros e atue de maneira a dar vazão a seus impulsos. Nisto se observa uma grande oportunidade para a igreja em sua tarefa profética. Especialmente em sociedades em que há grande ênfase no comportamento externo, pode ser que justamente o pecado exercido livremente na esfera da diversão possa ser amorosamente exposto demonstrando-se a seriedade do pecado e a necessidade de Cristo. Talvez ao se exporem nos estádios e pistas de dança é que os homens reconhecerão quem de fato são por natureza. A igreja também deve olhar para si mesma nessa questão, pois muitas vezes é igualmente culpada de cruzar limites e se afastar de Deus, além de assumir formas de pensar e agir do mundo do entretenimento que são contrários aos caminhos da palavra de Deus. O mundo do esporte, por exemplo, passa a influenciar a igreja e, ao invés de ser uma fonte de diversão, passa a ditar a maneira de agir.<sup>52</sup>

Várias outras coisas poderiam ser tratadas acerca de como a queda distorce o lazer e a diversão, mas cremos ser esta uma amostra suficiente. Muito mais ainda poderia ser dito a respeito do consumismo que se mostra na diversão, da priorização do lazer sobre outras responsabilidades como família e trabalho, e assim por diante.

O homem ama a diversão, pois nela encontra ocasião para saciar seus desejos pecaminosos, utiliza-a para fins escusos e ainda pode em certos casos manter o autoengano de retidão.

---

<sup>52</sup> Curiosamente, como um ídolo que molda seus seguidores, o esporte acaba por ditar aos crentes como viver a vida. Por muitas décadas a igreja, principalmente nos Estados Unidos, tem se associado à cultura dos esportes de maneira não-crítica e tem sucumbido a formas de pensar caídas. É o fenômeno chamado “Cristianismo Muscular”, ou o que Shirl Hoffman chama de “Esportianismo”: uma associação doentia entre os objetivos e métodos do mundo esportivo e os da igreja. Jesus passa a ser visto e imaginado como um atleta superdedicado, a igreja passa a enfatizar a vitória sobre a sabedoria, a bravata sobre a humildade, a espada sobre o cajado. HIGGS, Robert J. *God in the stadium: Sports & religion in America*. Lexington, KY: University of Kentucky Press, 1995, p. 312. Para ótimas considerações, ver principalmente HOFFMAN, *Good game*.

### 3. A DIVERSÃO E AS ESTRUTURAS ESCATOLÓGICO-REDENTIVAS

Nesta seção faremos considerações acerca de como o ser humano em suas subcriações reflete aspectos do plano de redenção escatológica de Deus. Novamente será um tratamento breve que introduzirá o assunto e suas principais fundações. Primeiramente, veremos que o homem pode refletir a estrutura criacional e aspectos da estrutura escatológico-redentiva, pois o ser humano tem a eternidade em seu coração, ele tem o *desiderium aeternitatis*.

#### 3.1 *Desiderium aeternitatis*

O homem, mesmo após a queda, tem um anseio pela eternidade como parte de seu ser. Este desejo de eternidade foi inserido no coração humano por Deus (Ec 3.11).<sup>53</sup> Criado à imagem de Deus, todo homem sabe algo sobre Deus (*sensus deitatis*) e sobre a eternidade (*desiderium aeternitatis*). William Edgar explica que toda busca humana de significado está ligada ao fato de se saber que existe algo mais que este mundo, esse conhecimento acerca de algo que vai além da realidade visível e presente.<sup>54</sup> Essa noção leva-nos a buscar consolo em coisas maiores do que as que vemos. Todavia, por causa do pecado, essa busca de satisfação se dá em lugares errados e por meios errados. Franz Delitzsch explica acerca do texto de Eclesiastes 3.11:

O autor quer dizer que Deus não apenas designou a cada um o seu tempo na história... mas também estabeleceu no homem um impulso que o leva além do temporal em direção ao eterno: está em sua natureza não se contentar com o temporal, mas romper os limites que este traça ao seu redor, para escapar da prisão e inquietude na qual ele é mantido, e no meio das incessantes mudanças do tempo se consolar dirigindo seus pensamentos para a eternidade.<sup>55</sup>

O homem não perdeu totalmente o senso de que esta realidade não é final. Mesmo após a queda, ele tem a esperança de experimentar uma existência mais profunda. Para os que estão em Cristo, essa esperança é realizada na consumação futura e já experimentada em parte no culto, no descanso e na comunhão com Deus e os irmãos. O homem foi criado para se relacionar com seu Deus; mesmo em rebelião ainda tem esse anseio, misturado à vergonha

<sup>53</sup> A mensagem do livro de Eclesiastes é que o homem busca satisfazer esse desejo, mas que o faz achando que toda sorte de coisas criadas irá fornecer essa satisfação, sendo na realidade apenas um vapor que não mata a sede. O *desiderium aeternitatis* não é satisfeito debaixo do sol. Ver DELITZSCH, Franz. *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*. Edinburgh: T&T Clark, 1891, p. 262.

<sup>54</sup> EDGAR, William. *Truth in all its glory: Commending the Reformed faith*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2004, p. 15.

<sup>55</sup> DELITZSCH, *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*, p. 261. Minha tradução.

do pecado e à ativa rejeição da verdade divina. O homem descobriu que ao se lançar na diversão ele consegue encontrar coisas que reproduzem elementos dessa relação pela qual ele anseia.

### 3.1.1 Subcriações como tentativas de satisfação

Todos os homens tentam subcriar de maneira a dar vazão a esses desejos eternos. De fato, pode-se argumentar que essa necessidade escatológica é o que leva o ser humano a criar submundos na literatura, no teatro e no cinema. Por ser ativamente redentivo, o homem busca tratar o que é errado e indesejável no mundo subcriando diferentes realidades. O lazer serve como aparato mimético que oferece ao homem muitas coisas que ele desejaria ter no mundo. Brincando, a criança pode matar dragões e fazer mil gols que não são possíveis na vida real; o adulto pode experimentar uma lufada de imortalidade, eternidade e até de pretensa espiritualidade sem ter de se submeter a uma vida piedosa. O adulto que sonha com uma vida melhor acha que encontrará comunhão e camaradagem no estádio de futebol, afeto e carinho nos braços da amante, relacionamentos e relevância nas redes sociais. Almejam-se coisas em última análise boas, mas por meio de coisas caídas que prometem ser atalhos para a satisfação, sendo na verdade armadilhas quando tomadas fora de sua relação correta com Deus.

Poderia o folguedo ser um falso atalho para algo semelhante à alegria piedosa? Como uma falsificação das estruturas do Reino,<sup>56</sup> a diversão oferece uma fácil rota de fuga que promete realizar os desejos profundos do coração e anestesiar as dores da vida, mas sem ter de lidar com o Criador justo que em santidade existe com Juiz da humanidade. No que tem de melhor, o entretenimento é capaz de oferecer algo parecido com uma experiência religiosa.<sup>57</sup> Ele faz isto ao reproduzir elementos da relação com o Deus verdadeiro, utilizando ferramentas dadas pelo próprio Deus. Os objetivos da humanidade são por vezes semelhantes aos do Reino (liberdade, alegria, plenitude), mas sempre em

<sup>56</sup> Curiosamente, muitas vezes é a igreja que busca imitar as estruturas de entretenimento do mundo. A ironia é que uma vez que a diversão busca em certo nível reproduzir elementos prazerosos do relacionamento do homem com Deus e com os outros homens, ao imitar o mundo secular a igreja está fazendo uma réplica de uma réplica. A qualidade é diluída, distorcida e enfraquecida.

<sup>57</sup> É comum ver atletas, torcedores, crianças e todos os que se engajam com a diversão falarem acerca de um senso de conexão, de atemporalidade, de paz, de êxtase, de alegria e contentamento. Ao descreverem por que um filme é tão inspirador, um gol tão empolgante ou uma escultura tão maravilhosa, geralmente se utiliza uma linguagem religiosa. Para um celebrado artigo que trata desta experiência religiosa nos esportes, ver: WALLACE, David Foster. Roger Federer as religious experience: How one player's grace, speed, power, precision, kinesthetic virtuosity and seriously wicked topspin are transfiguring men's tennis. *Play Magazine, a publication of the New York Times*, August 20, 2006. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2006/08/20/sports/playmagazine/20\\_federer.html](http://www.nytimes.com/2006/08/20/sports/playmagazine/20_federer.html). Wallace utiliza o esporte para tratar de temas como reconciliação entre corpo e alma, limites do homem, o problema do mal, teologia apofática e muito mais.

rebelião autônoma pecaminosa. O lazer dá uma sensação de união e integração que são raras no cotidiano; uma rota pretensamente segura para chegar perto do senso de eternidade sem ter de lidar com o Deus Eterno.

### 3.1.2 Subcriações como paliativos insatisfatórios

Não há quantidade de comida, de Copa do Mundo ou de amizade que possa de fato satisfazer os anseios eternos. Embora essas coisas às vezes possam reproduzir uma alegria transcendente, elas não podem reproduzir plenamente o Criador, pois elas são criações. Ídolos podem mostrar aspectos transcendentais e imanentes, mas sempre são enganosos e imperfeitos, sempre falham em suas promessas. Herman Bavinck explora esta trágica dinâmica:

A conclusão, portanto, é a de Agostinho, que disse que o coração do homem foi criado para Deus e não encontra descanso até descansar no coração do Pai. Logo, o que todos os homens estão buscando é Deus; mas, como também disse Agostinho, eles não o procuram da maneira certa e nem no lugar certo. Eles o buscam aqui embaixo, mas ele está acima. Eles o buscam na Terra, mas ele está no céu. Eles o buscam longe, e ele está perto. Eles o buscam no dinheiro, na propriedade, na fama, no poder e na paixão; e ele é encontrado em lugares altos e espirituais, e com o que é de espírito humilde e contrito (Is 57.15). Mas assim mesmo o buscam, se por acaso pudessem tentar senti-lo e encontrá-lo (At 17.27). Eles o buscam ao mesmo tempo em que fogem dele. Eles não têm interesse em conhecer seus caminhos, mas não conseguem viver sem eles. Eles sentem-se atraídos a Deus e ao mesmo tempo sentem repulsa por ele.

Nisto, como Pascal apontou, consiste a grandeza e a miséria do homem. O homem almeja a verdade, mas é falso por natureza. Anela por descanso e se lança em uma diversão após a outra. Suspira por uma bênção permanente e eterna e se enrosca nos prazeres do momento. Ele busca a Deus, mas se perde na criatura. Nasce filho da casa, mas se alimenta dos sabugos dos porcos numa terra distante. Ele deixa a fonte de águas vivas por cisternas rotas que não retêm água (Jr 2.13). Ele é como um homem faminto que sonha que está comendo e quando acorda vê que sua alma está vazia; como um homem sedento que sonha que está bebendo e quando acorda vê que está débil e sua alma ainda mantém o apetite (Is 29.8).<sup>58</sup>

Buscar descanso e sentido no que é criado sempre deixará o homem com sede. Talvez, pela graça comum de Deus em dar alegria mesmo a pagãos (At 14.17), existam experiências que permitam ao homem experimentar uma alegria que toca no verdadeiro sentido de ser humano no mundo de Deus. Essa alegria é um reflexo da verdadeira alegria que provem de conhecer a Deus como fonte e como Senhor. A experiência substituta é boa o suficiente para fazer com que as pessoas a busquem repetidamente, mas é apenas uma

<sup>58</sup> BAVINCK, *Our reasonable faith*, p. 22-23. Minha tradução.

pálida comparação com a alegria de agir e reagir ao mundo como imagem de Deus recriada em Cristo. Experiências de diversão podem dar ao homem um pequeno senso de transcendência que, mesmo adulterado pelo pecado, ainda mantém um pouco do gosto original. O ser humano aprecia essa relação, mas nega sua fonte; é para sua condenação que ele experimenta a alegria de Deus, mas se recusa a glorificá-lo.

### **3.2 Reflexos da redenção**

Há diversas maneiras pelas quais essa busca da eternidade e da redenção se mostra na diversão. Não há muito espaço para mostrar formas específicas pelas quais as estruturas de redenção escatológica são refletidas e mimetizadas na subcriação do lazer, mas vejamos alguns breves exemplos.<sup>59</sup>

#### **3.2.1 Vitória, redenção e celebração**

As histórias que envolvem temas de redenção geralmente são procuradas pelo público, seja nos esportes, na literatura ou mesmo nas aventuras com os amigos. As formas de diversão estão repletas de temas de redenção mais ou menos distorcidos: histórias de vencedores improváveis, de atletas caídos que acham redenção no triunfo, eventos em que a justiça é feita, vitória que vem de aparente derrota, sofrimento como caminho para a salvação e muito mais. Todos gostam de ver excelência, grandeza, beleza. O improvável anão derrotando gigantes está sempre presente nas expectativas dos jogos.

Por meio de esportes e brincadeiras, o homem sonha em colocar seu nome na história, em deixar sua marca no mundo, em ser importante e lembrado pelos outros. As alegrias da competição e da vitória remetem a celebrações da vida e do triunfo que não teriam lugar num mundo caído se não fosse pela ação reparadora de Deus. Elas reproduzem temas eternos da grande história da redenção.

#### **3.2.2 Reconciliação**

No lazer o homem é capaz de experimentar parcial reconciliação com seus iguais e com a criação. Em Isaías 11.8-9 a profecia indica uma interessante instância de interação pacífica e até mesmo brincalhona entre os animais e mesmo entre seres humanos e animais. No melhor que o lazer tem a oferecer, nós nos sentimos reconciliados e unidos aos nossos parceiros de brincadeira. As diferenças podem ser esquecidas, a unidade no prazer pode ser alcançada. Num sentido bem real, o esporte pode trazer união e reconciliação entre partes fraturadas da humanidade, bem como a esperança de coisas melhores.

---

<sup>59</sup> Para um tratamento mais extenso, ver minha tese de doutorado: GAROFALO NETO, Emilio. *The 2010 World Cup as sub-creation: An analysis of human play through a theological grid of Creation-Fall-Redemption*. Reformed Theological Seminary, 2011.

São inúmeros os exemplos de como filmes, esportes e jogos podem proporcionar alívio frente às realidades brutais da vida pós-queda. Por exemplo, com as duras realidades políticas, sociais, econômicas e religiosas da Somália, não há muita esperança. Mas a seleção nacional de futebol é capaz de fazer com que o povo experimente um fiapo de alegria e reconciliação:

A seleção nacional não se dá muito bem internacionalmente, mas eles seguem jogando. O simples ato de jogar futebol lhes permite esquecer as tragédias domésticas. Mais importante, eles podem hastear sua bandeira. Mostrar que há mais na Somália do que homens-bomba e piratas. E para os torcedores somalis que ouvem em casa a narração pelo rádio, sempre havia uma pequena esperança de vitória, ou mesmo de um só gol – algo pequeno para celebrar. Por noventa minutos, nada mais importava.<sup>60</sup>

### 3.2.3 Descanso e mudanças

Já apontamos como o descanso do lazer pode imitar o descanso criado por Deus. Mas o descanso também tem um lado escatológico. O sábado tinha o “valor de tipificar a eternidade”,<sup>61</sup> era um “emblema do descanso eterno”.<sup>62</sup> Como o sábado tipificava o *eschaton*,<sup>63</sup> o lazer por vezes mimetiza aspectos do sábado em oferecer um parêntese para a vida em que o homem experimenta refrigério do trabalho e do mundo brutal. Na paz, na alegria e no sentido de se perder na brincadeira, é possível experimentar um distante gosto que aciona o *desiderium aeternitatis*.

Também nesse descanso se pode sentir que as coisas estão funcionando como deveriam. Eric Thoennes explica: “O evangelho leva ao brincar, pois ele expressa nossa habilidade de transcender a natureza quebrada deste mundo. Momentaneamente nós vemos a situação humana não apenas como tenebrosa, mas também como tratável”.<sup>64</sup> Nesse sentido, o cristão tem maior capacidade de compreender a diversão feita *coram Deo* e entender como ela se assemelha ao verdadeiro porvir escatológico. “Sem a esperança, o brincar torna-se apenas uma distração dos problemas da vida ao invés de uma esperançosa expressão da liberdade que vem com o *eschaton*”.<sup>65</sup> Todos podem encontrar certa dose

<sup>60</sup> BLOOMFIELD, Steve. *Africa united: Soccer, passion, politics, and the first World Cup in Africa*. New York: Harper Perennial, 2010, p. 295.

<sup>61</sup> VOS, *Biblical theology*, p. 141.

<sup>62</sup> VENEMA, Cornelis. *The promise of the future*. Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 2000, p. 476.

<sup>63</sup> O *eschaton* é a consumação da obra cósmica de Deus que se iniciou com a criação *ex nihilo*. VAN GRONINGEN, Gerard. *From creation to consummation*. Sioux Center, Iowa: Dordt College Press, 1996, p. 12.

<sup>64</sup> THOENNES, Erik. Created to play: Thoughts on play, sport and the Christian life. In: DEARDOFF, *The image of God in the human body*, p. 96.

<sup>65</sup> *Ibid.*

de consolo na diversão; apenas aqueles que entendem de onde o mundo veio e para onde está indo é que poderão aproveitar a plenitude da esperança da renovação de todas as coisas.

A tragédia da busca da diversão é que na rebelião idólatra tentamos que esta subcriação faça o papel que apenas o Criador pode fazer; torna-se um paliativo saboroso, mas que não satisfaz a fome e por vezes deixa um gosto amargo.

## CONCLUSÃO

O filósofo Blaise Pascal escreveu acerca da insaciável busca de satisfação nas coisas criadas em lugar do Criador:

O que essa busca e inquietação revelam, se não que houve um dia em que nós tínhamos verdadeira alegria, da qual o que resta é apenas um esboço e traços vazios? O homem tenta sem sucesso preencher o vazio com tudo o que o cerca, buscando em coisas ausentes a ajuda que não encontra nas que são presentes, mas todas são incapazes de fazê-lo. Esse abismo infinito só pode ser preenchido com um objeto infinito e imutável, quer dizer, o próprio Deus. Apenas ele é nosso verdadeiro bem. Desde o tempo que o largamos, é curioso que nada foi capaz de tomar seu lugar: estrelas, céu, terra, elementos, plantas, repolho, alho-poró, animais, insetos, bezerros, cobras, febre, pragas, guerra, fome, vício, adultério, incesto. Desde o tempo em que perdemos o verdadeiro bem o homem pode vê-lo em todo lugar, mesmo em sua própria destruição, embora seja tão contrário a Deus, à razão e à natureza. Alguns buscam esse bem último na autoridade, outros na busca intelectual de conhecimento e outros *no prazer*.<sup>66</sup>

Como qualquer outro ídolo, o lazer falha. Ele nunca irá satisfazer plenamente, pois apenas Deus e a criação mediada pela lei de Deus podem satisfazer. No uso autônomo de fé-amor-esperança o homem rebelado contra Deus põe sua fé em si mesmo e em seus feitos, exercita seu amor em dedicação a diferentes formas de diversão na esperança de que através de jogos e divertimentos ele encontrará significado e satisfação. A diversão não pode dar significado último, pois apenas refletindo as atividades humanas através das lentes divinas é que o homem o encontrará, ancorado em Cristo e ligado à eternidade.

Uma estrutura bíblica de Criação-Queda-Redenção ajuda-nos a entender tudo o que o ser humano faz, inclusive sua busca por vezes desenfreada de diversão. O homem ama se divertir, pois foi criado para fazê-lo e nesta atividade reflete diversos aspectos criacionais de sua identidade e relação com o mundo. Ele faz suas subcriações e imita a Deus em ser criativo. O homem ama a diversão, pois nela pode dar vazão a seus instintos pecaminosos nas mais variadas áreas, em um ambiente muitas vezes considerado inofensivo e seguro para pecar. O homem ama se divertir, pois assim toca o *desiderium*

---

<sup>66</sup> PASCAL, Blaise. *Pensées and other writings*. Trad. Honor Levi. Oxford World's Classics. Oxford, UK: Oxford University Press, 1999, p. 12. Minha tradução do inglês, minha ênfase.

*aeternitatis*, podendo, ainda que de maneira fugaz, experimentar certos elementos de eternidade e descanso. Ele pode imitar analogicamente estruturas redentivas que lhe dão vislumbres de uma bênção escatológica ao mesmo tempo em que pode manter uma pretensa distância do Criador. O brincar por vezes pode de fato iluminar o mundo; mas é uma luz tremulante e débil que não ilumina muito. Ela é pálida em comparação com a verdadeira luz do mundo. É uma luz derivada e subcriada, fraca o suficiente para permitir que o homem permaneça confortavelmente na escuridão, e forte o suficiente para que os que têm olhos para ver notem que há coisas maiores. Há muito que explorar teologicamente acerca da relação do homem com a diversão. Como qualquer coisa debaixo do sol, ela foi criada por Deus.

Peter Berger escreveu que “quando os adultos brincam com alegria genuína, eles momentaneamente recuperam aquela sensação de imortalidade que se tem na infância”.<sup>67</sup> Poderíamos adicionar, eles também recuperam um pouco do que deve ter sido no Jardim, quando uma existência sem pecado ainda estava no horizonte. A diversão aponta para o passado, pois nos lembra como e para que fomos criados; aponta para o presente, pois nos lembra constantemente que somos caídos e pervertemos tudo o que fazemos. Mais importante, aponta para o futuro, para a consumação de um plano redentivo que irá recriar céus e terra, onde, com corpos incorruptíveis e corações novos, poderemos viver em eterna adoração, trabalho e mesmo diversão.

### ABSTRACT

This article seeks to explore a biblical understanding regarding mankind's universal search for entertainment. The author investigates how a biblical structure of Creation-Fall-Redemption helps to comprehend the phenomenon. The author demonstrates that man was made to be a creative being before God. As such, all that he creates reflects the original creation in its organization and diverse elements. Man delights in play because it is a sub-creation in which he experiences elements for which he was created such as rest, pleasure, joy, and beauty. The author analyzes how the Fall influences the human search for entertainment, causing man to seek idols and satisfaction for his sinful desires through created things. Finally, the author investigates how the *desiderium aeternitatis* and a realization of the need for redemption make man seek solace and escape from this world in play, experiencing a little of the peace and the life for which he was made.

### KEYWORDS

Entertainment; Play; Creation; Fall; Redemption; Eternity; Idolatry; Sports.

---

<sup>67</sup> BERGER, *A rumor of angels*, p. 59. Minha tradução.